

## **Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN**

*Literary journalism in podcasts:  
An analysis of CBN's Vozes scripts*

*Periodismo literario en podcast:  
Un análisis de los guiones de Vozes de CBN*

Adriana Barsotti  
Lúcia Santa Cruz

### **Resumo**

Este artigo analisa os roteiros das duas primeiras temporadas do podcast Vozes, da Rádio CBN, lançado em novembro de 2018, partindo da hipótese de que sua estrutura segue os elementos que configuram o jornalismo literário. Como metodologia, empregamos a análise de narrativa, na perspectiva de Riessman, para analisar os roteiros dos episódios, e fizemos uma entrevista em profundidade com a âncora do programa, Gabriela Viana. Os resultados confirmam a hipótese, e estão evidenciados em trechos dos 23 episódios analisados, bem como na fala da entrevistada.

**Palavras-chave:** podcast narrativo; jornalismo literário; *storytelling*; análise de narrativa; Vozes.

### **>> Informações adicionais:**

Artigo submetido em: 28 de março de 2020 | aceito em: 18 de maio de 2020.

### **>> Como citar este texto:**

BARSOTTI, Adriana; SANTA CRUZ, Lucia. Jornalismo literário em podcasts: Uma análise dos roteiros do Vozes, da CBN. *Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 137-159, jan./abr. 2020.

### **Sobre as autoras**

**Adriana Barsotti Vieira**  
[adrianabarsotti@id.uff.br](mailto:adrianabarsotti@id.uff.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>

Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Jornalista graduada pela UFRJ. Diretora da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Membro do Conselho Editorial da Agência Lupa, de fact-checking, e do Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais (Tejor), da PUC-Rio. Autora dos livros *Jornalista em mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiência* e *Uma história da primeira página: do grito ao silêncio no jornalismo em rede*, ambos publicados pela Editora Insular.

**Lúcia Santa Cruz**  
[lucia.santacruz@espm.br](mailto:lucia.santacruz@espm.br)

Professora adjunta do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa e dos cursos de Graduação em Jornalismo, Cinema e Publicidade da ESPM Rio. Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jornalista pela mesma instituição. Coordenadora do Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação (LEMBRAR) e do grupo de pesquisa homônimo, listado no DGP/CNPq.

**Abstract**

This article analyzes the scripts of the first two seasons of the *Vozes*, podcast launched by Rádio CBN, in November 2018, based on the hypothesis that its structure follows the elements that configure literary journalism. The methodology combined narrative analysis, in Riessman's perspective, to analyze the scripts of the episodes, and we conducted an in-depth interview with the program's anchor, Gabriela Viana. The results confirm the hypothesis and are evidenced in excerpts from the 23 episodes analyzed, as well as in the interviewee's speech.

**Keywords:** Narrative podcast; literary journalism; storytelling; narrative analysis; *Vozes*

**Resumen**

Este artículo analiza los guiones de las dos primeras temporadas del podcast *Vozes*, de Rádio CBN, lanzado en noviembre de 2018, en base a la hipótesis de que su estructura sigue los elementos que configuran el periodismo literario. Como metodología, utilizamos el análisis narrativo, en la perspectiva de Riessman, para analizar los guiones de los episodios, y realizamos una entrevista en profundidad con la presentadora del programa, Gabriela Viana. Los resultados confirman la hipótesis y se evidencian en extractos de los 23 episodios analizados, así como en el discurso del entrevistado.

**Palabras clave:** Podcast narrativo; periodismo literario; storytelling; análisis narrativo; *Vozes*

**Introdução: cenário de podcasts em ascensão**

O Brasil já é o segundo maior mercado de podcast no mundo, ficando apenas atrás dos Estados Unidos no consumo deste formato de áudio, de acordo com a Podcast Stats Soundbite (MARI, 2019). Essa posição vem sendo atingida por meio de um crescimento sustentado, como indicam os números do Spotify. Segundo o serviço de áudio *streaming*, o consumo mensal de podcasts cresce em média 21% desde janeiro de 2018. Globalmente, a audiência de podcast aumentou cerca de 39%.

Se, em termos gerais, salta aos olhos o potencial no país deste formato, uma vez que cerca de 40% dos internautas brasileiros já ouviu pelo menos um podcast (IBOPE CONECTA, 2019), ainda se está longe de atingir o patamar norte-americano, em que 75% tiveram contato com a mídia e mais de um terço da população consome programas regularmente (EDISON RESEARCH, 2020).

Podcasts não são exatamente uma novidade. Como mídia, existem desde 2004, quando se tem notícia do primeiro conteúdo de áudio transferido via RSS<sup>1</sup>, e quando o

---

1. RSS é a abreviatura de Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, uma maneira de um programa agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site.

termo foi utilizado pela primeira vez pelo jornalista inglês Ben Hammersley, em uma matéria intitulada “Audible Revolution”, publicada no jornal *The Guardian* em 12 de fevereiro de 2004. Sua popularização, entretanto, só ocorreu dez anos mais tarde, com o podcast *Serial*, produzido e apresentado pela jornalista Sarah Koenig, nos Estados Unidos, e que foi inicialmente transmitido pela rádio pública de Chicago WBEZ. A explosão, entretanto, ficou restrita ao país.

O cenário nacional atual, porém, parece apontar para um quadro diferente. Na maior pesquisa sobre este universo já realizada até o momento, a PodPesquisa 2018, feita pela Associação Brasileira de Podcasters, em conjunto com a Rádio CBN, que ouviu 22 mil pessoas, foram contabilizados 1.278 títulos. Cinco anos antes, eram apenas 255 ativos (ABPOD, 2018). A curva de ouvintes no período também mostra um comportamento semelhante (ABUD; ISHIKAWA; GONZAGA, 2019).

A edição de 2019 da PodPesquisa, para a qual foram entrevistadas 16 mil pessoas de todos os estados brasileiros, com maior concentração no Sudeste (ABPOD, 2019) revelou que Cultura pop é o tema que mais interessa para 64% dos respondentes, seguido de Humor (53%), Ciência, (52,3%), História (47,6%), Política (42%), *Games* (35%) e Notícias (32%). O interesse em notícias, portanto, aparece como menor que em podcasts que tratam de jogos eletrônicos, ainda que o podcast *Café da Manhã*, uma parceria do jornal *Folha de S. Paulo* com o Spotify, no ar desde janeiro de 2019, figure entre os vinte podcasts mais citados na PodPesquisa 2019 (ABPOD, 2019) e em quarto lugar entre os dez mais ouvidos do Spotify no ano passado (RIBEIRO, 2019, s/p).

Este cenário pode ter sido alterado com a entrada, em agosto de 2019, do Grupo Globo na produção de um podcast diário de jornalismo – *O Assunto* –, apresentado por Renata Lo Prete e publicado de segunda a sexta, às 6 h, e de vários outros títulos semanais de notícias, política e entretenimento (G1, 2019). Nos anos de 2018 e 2019, os principais veículos jornalísticos do país criaram seus produtos em podcast, baseados em uma premissa: num mundo repleto de informação e conteúdo, ouvintes de podcasts são leais e formam um grupo em crescimento.

Em um panorama em que muitas plataformas de comunicação de massa estão em declínio, podcasts despontam como um caminho certo para atingir (e fidelizar) consumidores de conteúdo. Esta parece ser, inclusive, a estratégia até mesmo de veículos que já trabalhavam com áudio, como é o caso da Rádio CBN, que, em novembro de 2018, lançou o podcast *Vozes*, apresentado pela jornalista Gabriela Viana, com “a missão de

promover a reflexão e conectar as pessoas às experiências umas das outras. Ouça e sinta os diferentes pontos de vista dos temas mais polêmicos e dramáticos em discussão na sociedade" (CBN, 2018).

A emissora já disponibilizava, em seu site, alguns conteúdos, embalados como podcasts, mas que, na verdade, eram excertos de sua programação, especialmente comentários de seus colunistas, que eram depois redistribuídos como podcasts. Em 2018, criou títulos que se enquadram no formato de podcast. Este artigo analisa os roteiros das duas primeiras temporadas do Vozes, partindo da hipótese de que sua estrutura segue os elementos que configuram o Jornalismo Literário, os quais serão apresentados na próxima seção. Para isso, vamos utilizar como metodologia a análise de narrativas e uma entrevista em profundidade com a âncora do programa, Gabriela Viana, que será detalhada na seção posterior.

### **O jornalismo literário e a mídia sonora**

Como resume Martinez (2009, p.71), "o jornalismo literário é um gênero fronteiro, que tira partido das técnicas literárias e dos elementos básicos jornalísticos, como levantamento de informações, para produzir um texto bem apurado e escrito". Sims (2007), um dos precursores no estudo do gênero, depois de entrevistar vários escritores, chegou, em 1984, a seis características do jornalismo literário: a imersão, o emprego de estruturas complexas no texto, a precisão, a voz autoral, a responsabilidade ética e a criação de sentidos de uma história, conforme relata no prefácio do livro *True stories: a century of literary journalism*. Depois, decidiu acrescentar mais duas: a atenção às histórias rotineiras e o estilo do autor, em livro em co-autoria com Kramer (1995).

Por imersão, entende-se a inserção do jornalista dentro da realidade a ser relatada. Entretanto, o profissional deve deixar clara sua posição enquanto testemunha da realidade, prezando pela atuação ética. A cobertura de histórias rotineiras não chega a romper com os paradigmas profissionais, afinal as histórias ditas de "interesse humano" sempre estiveram no rol dos valores-notícia (WOLF, 2009). A voz autoral vai na contramão das técnicas de objetividade (SCHUDSON, 2010) consagradas pelo jornalismo profissional desde o século XIX. A narração em terceira pessoa pode dar voz à primeira pessoa, o que acaba gerando mais conexão com o público.

O estilo no jornalismo literário, que prevê o uso de estruturas complexas na prosa, marca um divisor de águas nos preceitos do jornalismo diário, ao abandonar o *lead*. Tra-

ta-se, para os autores, de uma forma jornalística narrativa: a história pode ser apresentada por meio de cenas, tal qual em um romance. A criação de sentidos seria alcançada por meio do uso de símbolos e metáforas para facilitar a aproximação com o leitor. Na interpretação de Martinez (2009, p. 82), "a história precisa ter um fio condutor e ressoar na experiência pessoal do leitor, que tem de sentir a catarse de chegar a algum lugar depois de ter aceitado acompanhar o protagonista da história por várias cenas, ordenadas de forma a revelar gradativamente a situação".

Pioneiro no estudo do gênero no país, Lima (2008) chegou a dez características: exatidão e precisão, responsabilidade ética, imersão, humanização, contar uma história, estilo próprio e voz autoral, criatividade, compreensão, simbolismo e universalização temática. Entendemos que as três últimas estão inter-relacionadas: para se atingir a compreensão e a universalização temática, é preciso recorrer a uma simbologia que aproxime o leitor da história, gerando empatia. Entretanto, Lima (2008) batizou seus estudos de Jornalismo Literário Avançado por compreendê-lo à luz de outras disciplinas, tais como a psicologia humanista, a mitologia, a biologia e a física quântica.

Geralmente o jornalismo literário é associado ao *New Journalism*, corrente que se notabilizou nos anos 1960, nos EUA, e que teve, entre seus expoentes, Norman Mailer, Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe. No livro *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, Wolfe (2005) elenca quatro recursos literários do movimento: construção cena a cena, diálogos, ponto de vista de terceira pessoa e detalhes simbólicos do status de vida do indivíduo. Entretanto, Sims sugere que suas origens posam datar do século 17, com o londrino Daniel Dafoe (1660-1731), conhecido pela obra *Robinson Crusoe*. Dafoe publicou, em 1722, *O Diário do Ano da Peste*, livro no qual descreve a epidemia de peste bubônica, em 1665. (apud MARTINEZ, 2009, p.74).

Martinez (2009, p.72) ousa dizer que a saga do jornalismo literário começa antes da escrita. "Como toda boa narrativa, o JL presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo", sustenta. "Não seria incorreto, sob este ponto de vista, dizer que seus primórdios remontam à aurora da civilização", defende a autora. Seria, portanto, frutífero analisar as características do rádio, mídia alicerçada nas técnicas da oralidade, para avaliar possíveis caminhos para o Jornalismo Literário dentro da perspectiva dinâmica de surgimento de novos formatos e gêneros.

Ortriwano (1985, p. 79-81) elenca a linguagem oral, a penetração, a mobilidade, o baixo custo, o imediatismo, a autonomia (a pessoa pode receber a mensagem em qualquer lugar que esteja) e a sensorialidade como características do rádio: “o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um ‘diálogo mental’ com o emissor”. No rádio, a imaginação é “ativada através da emocionalidade das palavras e dos recursos da sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um” (ORTRIWANO, 1985, p.80). A “recriação do fato se dá por meio dos sons do emissor e da imaginação do receptor. Em outros meios, como a televisão e as mídias impressa e digital, a imaginação seria limitada pela presença de imagens”, enfatiza Martinez (2012, p. 112). Martinez (2012) analisou a presença do jornalismo literário no programa CBN São Paulo, conduzido por Milton Jung, em que ouvintes-internautas podiam contar suas histórias. Embora os relatos fossem enviados pelo público, passavam pelos processos de filtragem e edição jornalísticos, com a seleção das histórias, edição e sonorização, aproximando o quadro da estrutura de conto literário:

O jornalista reconhece o papel fundamental que a locução e a sonorização têm no quadro, uma vez que ele está mais próximo da estrutura do conto no âmbito da literatura ou da peça radiofônica, com o planejamento dos efeitos sonoros em paralelo à construção da história, do que do radiojornalismo (MARTINEZ, 2012, p.115).

Experiência semelhante fora conduzida anos antes pelo escritor Paul Auster na NPR (National Public Radio), o National Story Project, que inspirou o projeto brasileiro. Os relatos rotineiros dos ouvintes eram lidos no ar por Auster, depois de selecionados por ele e, se necessários, reescritos. As histórias, para ele, deveriam ser surpreendentes, inesperadas, reais, mas improváveis ao ponto de parecerem ficção. Posteriormente, os relatos foram publicados no livro *Achei que fosse Deus* (AUSTER, 2005). Martinez (2012, p.118) conclui que as histórias dos ouvintes podem ser consideradas como exemplos de jornalismo literário em mídia sonora, “uma vez que estes relatos humanizados são dotados de sensibilidade e forte voz autoral”.

### **A emergência do gênero narrativo no podcast**

Coward (2013) notou a emergência do que ela classificou como “jornalismo confessional ou jornalismo pessoal”, descrevendo-o como provavelmente o campo do jornalismo de maior crescimento. Sua análise consistiu em observar o fenômeno desde o *New*

*Journalism* dos anos 1960 até a tabloidização dos periódicos nos anos 1980, chegando aos blogs na contemporaneidade. Para ela, existe um fascínio da mídia pelas experiências da vida real e a construção de identidades baseadas no "eu":

O jornalismo convencional espreita por aqui. Autenticidade - facticidade - não é mais suficiente, o público quer conhecer a pessoa e ver suas reações aos eventos, mas esse jornalismo confessional precisa de autenticação recíproca. Em uma cultura ávida por experiência real, por intimidade pessoal, auto-revelação, os valores profissionais do jornalismo parecem garantir autenticidade (COWARD, 2013, p.88).

"Essa preocupação com o 'eu' não é somente com nós mesmos. Também queremos testemunhar outras pessoas descobrindo quem são, como são e se podem mudar" (COWARD, 2013, p.88). Ou seja, exatamente uma das características do jornalismo literário listadas por Sims e Kramer (1995) e Lima (2008) quando mencionam a necessidade do emprego de metáforas e símbolos para que os leitores se projetem nas histórias e o jornalismo consiga alcançar uma "universalização temática" (LIMA, 2008).

Vários autores têm se debruçado sobre o surgimento de novos gêneros jornalísticos em ambientes digitais. Neste artigo, utilizaremos o conceito que gêneros podem surgir tanto a partir de um meio quanto de práticas textuais, em uma perspectiva holística, segundo proposta de Lüders, Prøitz e Rasmussen (2010, p. 947). A partir do pressuposto que o jornalismo é constituído de práticas narrativas em constante diálogo com a sociedade e está inserido em contextos sociais, históricos e culturais em transformação, concordamos com Lüders, Prøitz e Rasmussen (2010, p. 961), segundo os quais gêneros emergentes podem ilustrar como a "vida cotidiana" se atualiza, o que vêm sendo verificado nas rotinas profissionais dos jornalistas em ambientes digitais.

Utilizaremos ainda o conceito de "rádio expandido", que trabalha com a percepção do rádio para além das ondas hertzianas, presente também na televisão, na internet, no celular e nas redes sociais. Ou seja, concebe-se que o ouvinte radiofônico se encontra em multi-contextos (KISCHINHEVSKY, 2016). Dessa forma, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 7) afirmam que "repensar o rádio à luz dos estudos de convergência, portanto, é inserir o meio em uma nova lógica de produção e de difusão de formas simbólicas".

Dentro dos vários contextos do que seja "ouvir" na contemporaneidade, concordamos com Lindgren (2016, p. 24) que a experiência com a mídia sonora em podcasts é exacerbada pelo uso de headphones. No cenário atual, ela nota a consolidação de podcasts no formato de *storytelling*, que seriam perfeitos para "explorar nossas vidas atra-

vés de sons e palavras faladas, intimamente sussurrados em nossos ouvidos". A autora sustenta que a ênfase em narrativas pessoais em áudio é de se esperar em um meio que privilegia o som e a voz. Ela atribui a popularidade do formato narrativo em podcasts ao envolvimento dos apresentadores, que têm em comum uma abordagem mais pessoal ao contar as histórias.

McCracken (2017) também ressalta o papel fundamental do apresentador nesse processo. Ao analisar o podcast *Serial*, lançado em 2014 e considerado responsável pelo boom do podcast nos Estados Unidos, ela conclui:

*Serial* criou um novo tipo de *storytelling* íntimo na era digital. Koenig parece falar diretamente e pessoalmente para os ouvintes por meio dos seus *earbuds*, lendo dramaticamente o texto cuidadosamente produzido, liberando informação intrigante pedaço por pedaço, e deixando que eles ouçam seus diálogos privados com os protagonistas da história, cujas vozes eles também ouvem (MCCRACKEN, 2017, p. 1).

Para Lindgren (2016, p.27), os âncoras são informais no estilo, tentando manter o tom de conversa. "Eles soam relaxados como pessoas reais ou amigos com os quais o público se engaja como numa conversa". Lindgren defende que as narrativas pessoais em podcast podem ser conceituadas como formatos de rádio se metamorfoseando por meio da transformação nas convenções nas rotinas profissionais de produção e expectativas dos ouvintes. Tal metamorfose estaria consolidando um novo gênero.

Na análise que faz sobre *Serial*, DeMair (2017, p. 28) destaca que ele "constrói pela narrativa um universo sobre um assassinato e uma condenação que é simultaneamente sobreposto por uma metanarrativa sobre a reinvestigação de Koenig e a sua construção da história narrada". Nessa construção do universo por meio da narrativa, a autora aponta para os elementos que estão além da narração ou do áudio das entrevistas: marcas não verbais como música, manipulação acústica, mixagem, edição e efeitos sonoros.

McHugh (2016) chegou à conclusão semelhante. Para a autora, 'podcasting' passou a significar muito mais do que apenas um modo de entrega de conteúdo em áudio. O termo 'podcasting' descreveria tanto a produção de conteúdo voltado para essa plataforma quanto o consumo. Embora os programas possam adquirir vários formatos, ela nota que, no nicho de podcasts narrativos, há consenso de que o estilo norte-americano, descrito por profissionais do setor como "mais conversacional" e "com foco nos apresentadores", estaria exercendo uma forte influência global, ajudando a consolidar um gênero mais informal, centrado em uma forte conexão entre apresentadores e ouvintes.



Interessante o enfoque que Carvalho (2014) reserva ao texto nos podcasts. No Vozes, todos os episódios são roteirizados, como veremos adiante. Seja qual for o conteúdo, lembra a autora, eles utilizam estímulos sensoriais auditivos, alicerçados em quatro elementos: palavra, efeitos sonoros, silêncio e música ou trilha sonora. O primeiro deles, a palavra, "constitui o veículo preferencial para a informação conceitual e transmissão de ideias, por outro lado, cumpre também uma função emocional, traduzindo sentimentos e sensações" (CARVALHO, 2014, p.6).

Por fim, vale ressaltar outro exemplo em que o jornalismo literário é empregado em podcasts no Brasil: o Projeto Humanos. Fernandes e Musse (2017, p.12) notam como o podcast foge à impessoalidade dos relatos, "oferecendo, além da objetividade e veracidade, também toques de subjetividades e 'emocionalidades'". Para as autoras, novas plataformas, como os podcasts, permitem a elaboração de "métodos narrativos originais, oriundos de plataformas transmídia, destinados à conquista do ouvinte".

### Metodologia

A partir da premissa de que o jornalismo literário consiste em uma forma jornalística narrativa (SIMS; KRAMER, 1995) e que pode ser intensificada em áudio tanto pela experiência mais personalizada e íntima da mídia sonora quanto pelo vínculo entre os apresentadores e os ouvintes de podcasts, resultando em narrativas mais pessoais, conforme Lindgren (2016), optamos em utilizar como parte da metodologia neste artigo a análise de narrativas (RIESSMAN, 2005). Para complementar tal recurso metodológico, recorremos ainda a uma entrevista em profundidade com a âncora do Vozes, Gabriela Viana.

Riessman (2005) enfatiza que, nas Ciências Humanas, existem diferentes abordagens para a análise de narrativas que têm em comum, entretanto, uma história a ser contada. Os eventos são selecionados, organizados, conectados e avaliados como significativos para uma determinada audiência. *Storytellers* interpretariam o mundo e suas narrativas representariam formas de conhecimento e comunicação. Riessman (2005) enumera quatro abordagens para a análise de narrativas, embora não as considere mutuamente excludentes, e aponta para a complementaridade entre elas em alguns casos.

Na análise temática, "o que" é dito se sobrepõe ao "como" é dito. Na análise estrutural, o foco seria na maneira como uma história é contada<sup>2</sup>, embora o conteúdo não seja

---

2. Este tipo de análise considera que as narrativas contêm a seguinte estrutura: o resumo (um sumário ou objetivo da história), a orientação (para o tempo, lugar, personagens e situação), a ação complicadora (a sequência de eventos, geralmente com uma crise e uma mudança brusca), a avaliação (quando o narrador se afasta da ação para comentar sobre o sentido e comunicar emoção), a resolução e uma síntese (o fechamento da história).

deixado de lado: como o contador de histórias as torna persuasivas ao selecionar dispositivos do discurso. Nesse caso, adverte Riessman, é preciso que o pesquisador fique atento. Assim como a análise temática, a estrutural pode correr o risco de descontextualizar as narrativas se não levar em conta os contextos históricos e de interação entre quem conta e quem narra.

Na análise interacional, a ênfase se volta para o contador e o ouvinte. Ela considera o tema e a estrutura, mas encara o processo de *storytelling* como uma co-construção entre o contador e o ouvinte. Embora reconheçamos a dinâmica dialógica, a opção neste artigo foi sobre a análise da narrativa do narrador, como será explicitado. Por fim, há a análise performática, apropriada para as práticas comunicacionais: como os narradores querem ser conhecidos e como envolvem a audiência para construir suas identidades. Em resumo, as narrativas podem fomentar as conexões entre biografias pessoais e a estrutura social, estabelecendo conexões entre o pessoal e o político, defende Reissman (2005). Acreditamos que o Vozes proporciona tal conectividade entre as esferas pública e privada.

Neste artigo, foram analisados os 22 episódios de Vozes que foram ao ar, contemplando a primeira e segunda temporadas e o 23º, com os bastidores do programa, intitulado "1 ano: isso o Vozes não mostra". Para tanto, obtivemos da âncora os roteiros finais de cada episódio, cada um com cerca de 50 minutos de duração. O menor deles teve 39 minutos (15 páginas) e o maior, 1h 8 minutos (22 páginas). A cada episódio de Vozes existe um complementar, com especialistas discutindo o tema tratado no episódio mais recente, o "Vozes em debate". Por considerar que o formato deste programa acessório se aproxima das técnicas de objetividade no jornalismo e que a própria equipe do programa não os contabiliza como episódios, nossa análise se ateve aos roteiros dos programas temáticos, que são construídos a partir dos *offs* da âncora e das sonoras dos personagens.

Apesar da nossa defesa aqui já apresentada de que a mídia sonora cria um ambiente mais íntimo para as narrativas pessoais em podcasts pela ênfase no som e na voz, optamos, em nossa análise narrativa, pelo enfoque no texto, sob as perspectivas temática, estrutural e performática. Apoiamos a decisão em Carvalho (2014), segundo o qual a palavra cumpriria não só o veículo para a transmissão de ideias nos podcasts, mas também para a manifestação de emoções e sensações. Nossa análise também considerou apenas os textos em *off* lidos pela apresentadora, o que significa que não nos detivemos nos textos das sonoras dos entrevistados. Tomamos a decisão metodológica

de não considerá-los, ainda que reconheçamos que eles estabelecem um fluxo de conversa. Reconhecemos que toda prática comunicacional é dialógica, mas nos baseamos nos estudos já mencionados, segundo os quais os apresentadores têm assumido um protagonismo cada vez maior em podcasts narrativos, foco deste artigo. Temos consciência que os diálogos se enquadram na perspectiva de Tom Wolfe (2005), especialmente quando ele discorre sobre privilegiar o ponto de vista da terceira pessoa, mas nosso objetivo foi analisar a construção do foco narrativo.

A entrevista com a âncora também nos direcionou para o caminho da análise dos *offs*, devido à descrição da própria sobre a importância do roteiro na construção dos episódios. Entretanto, também tangenciamos as marcas não verbais, como música, acústica, e efeitos sonoros, na entrevista em profundidade realizada com Gabriela Viana e nas respostas do *designer* de som do podcast, Cláudio Antonio, no 23º episódio, que aborda os bastidores do programa. Tal abordagem também contempla a análise performática, segundo Riessman (2005).

### **Vozes**

"Você vai se ouvir nas histórias que vamos contar aqui", afirma a jornalista Gabriela Viana no *teaser*<sup>3</sup> do podcast *Vozes*, divulgado em 31 de outubro de 2018, uma semana antes do primeiro episódio ir ao ar. Narradora do podcast, Gabriela já havia trabalhado na CBN Rio e se mudara pouco tempo antes para São Paulo, quando foi convidada a entrar no projeto. No *teaser* do *Vozes*, intitulado "#EmBreve: um espaço para histórias e vozes que nem sempre são ouvidas no dia a dia", Viana também assegura que o podcast vai apresentar "o que o jornalismo faz de melhor: contar boas histórias", "provocar o seu imaginário" e "te guiar por uma experiência de total imersão". Nos agregadores de áudio, *Vozes* é descrito como "um podcast para quem quer mergulhar em boas histórias".

Desde a estreia do podcast até o fechamento deste artigo, foram duas temporadas, a primeira com seis episódios (quadro 1) e a segunda com 22, mais um episódio bônus de aniversário (quadro 2). No 23º, eles revelam que, no período, "foram ouvidas 271 vozes" e que somaram "mais de 38 horas de episódio". Os episódios narrativos são quinzenais, intercalados com programas de entrevistas com especialistas sobre os temas do episódio anterior, como já mencionado.

---

3. *Teasers* ou *trailers* são áudios curtos, liberados antes do lançamento do primeiro episódio de um podcast, com a função de despertar o interesse de potenciais ouvintes.

**QUADRO 1 – Primeira temporada do Vozes**

Nº episódio	Data de postagem	Temática
#01	7/11/2018	Andar armado ou não?
#02	21/11/2018	Meu vício é sexo
#03	5/12/2018	Maconha: da dependência à medicina
#04	9/1/2019	EQM: um outro mundo
#05	30/1/2019	Novas formas de amar
#06	11/2/2019	Os heróis das tragédias que marcaram o Brasil

Fonte: elaboração própria

**QUADRO 2 – Segunda temporada do Vozes**

Nº episódio	Data de postagem	Temática
#07	19/3/2019	Ansiedade: você tem medo do futuro?
#08	3/4/2019	Transtorno de imagem
#09	10/4/2019	Ativismo: uma escolha de vida
#10	24/4/2019	Erros médicos: de quem é a culpa?
#11	8/5/2019	O meu lugar
#12	22/5/2019	Sobre ter fé
#13	5/6/2019	LGBTfobia
#14	19/6/2019	Sobre ter relacionamentos tóxicos
#15	10/7/2019	Adolescência: credo, que delícia!
#16	24/7/2019	Cleptomania: o irresistível impulso de furtar
#17	7/8/2019	Quando nascem os pais e as mães
#18	21/8/2019	Hiperconectado, eu?
#19	4/9/2019	Conversando com Morfeu
#20	18/9/2019	A premissa um do Artigo 26
#21	2/10/2019	Procura-se afeto
#22	16/10/2019	Eu espero que você não esqueça
#23	7/11/2019	1 ano: isso o Vozes não mostra

Fonte: elaboração própria

### **O jornalismo literário no Vozes**

Partindo da análise da narrativa estrutural, como proposta por Riessman (2005), consideramos que os roteiros do Vozes seguem o que a autora define como a linha condutora de uma história. Todos têm uma abertura que apresenta o tema e conduz para o momento seguinte, em que os personagens começam a ser apresentados. Na sequência, está a ação complicadora. No quarto momento, a narradora se afasta para comentar

sobre o sentido e comunicar emoção. A resolução do conflito, que seria o quinto momento, nem sempre está presente. Mas sempre encontramos a síntese, o fechamento da história. Como enfatizado por Martinez (2009), uma das técnicas do jornalismo literário é a apresentação de várias cenas para, gradativamente, revelar a situação narrada. A própria âncora deixa claro o uso dela ao descrever o processo de produção do roteiro:

Peço para eles (a equipe) escreverem início, meio e fim daquele personagem que entrevistaram como se fosse realmente um capítulo à parte. Aí eu vou vendo o que faço: se misturo todos os personagens, se eu corto, boto um pedaço para lá e outro para cá e depois eu vou montando essa estrutura final de roteiro. A gente vê o que a gente precisa dizer, o que estava na pré-pauta que era muito importante e quem se encaixa em cada um dos tópicos. E, a partir daí, eu penso como quero contar essa história: se vai ser de trás para frente, se vai ter algum elemento surpresa, se eu vou trazer alguma coisa pessoal minha ou não, onde eu trago mais bastidor<sup>4</sup>.

Na abertura dos episódios do podcast, o ouvinte recebe a recomendação de colocar os fones de ouvido para mergulhar nas histórias. Se fôssemos analisar o Vozes apenas pelo conteúdo do teaser, pela descrição do podcast ou pela abertura dos episódios, já poderíamos destacar o esforço contínuo para que o ouvinte realize a imersão no conteúdo que ele está prestes a escutar. Fones exacerbam tal experiência, como apontou Lindgren (2016). Imersão, como vimos, é uma característica do Jornalismo Literário apontada por Sims (2007) e por Lima (2008).

Percebe-se também o esforço da apresentadora para estreitar a conexão com os ouvintes (MCHUGH, 2016), tentando alcançar a universalização temática (LIMA, 2008), ao sugerir que eles já devem ter experimentado situações semelhantes às narradas pelos entrevistados. Como apontou Martinez (2009), o jornalismo literário ressoa na experiência pessoal do leitor. A montagem do roteiro como uma conversa com o ouvinte acompanha todos os episódios do Vozes, enfatizando o caráter mais pessoal dos apresentadores de podcasts (MCCRACKEN, 2017; LINDGREN, 2016), como pode ser verificado nos trechos abaixo. Por meio da análise performática (RIESSMAN, 2005), percebemos que a narradora pretende envolver a audiência na construção de suas identidades:

Eu posso estar enganada. Mas acredito muito que você deu play neste episódio se perguntando “que raios vem por aí?” (episódio 9- ativismo: uma escolha de vida).

Você pode achar graça de tudo isso e buscar a ciência para explicar. Pode crer que realmente existe algo depois da morte. E, quem sabe, até ter passado por isso ou passar algum dia. Eu não consigo te provar nada e nem saber se você acredita em tudo isso ou

---

4. Em entrevista às autoras por WhatsApp no dia 21 de março de 2020.

não. Mas Aleandro, Gabriela, Eduardo, Rita e Gabriel passaram por essas experiências. E aprenderam a olhar o mundo—e os outros—com outros olhos. A nós, não cabe julgar. Cabe apenas ouvir e... E, quem sabe, aprender com as experiências de quem foi até lá... E voltou. À ciência... Caberá ainda... Uma série de respostas (episódio 4 - EQM: um outro mundo).

Você já se sentiu rejeitado ou rejeitada? Já se sentiu um peixe fora d'água? Já sentiu que todo mundo te olhava como se você fosse uma aberração? Você já se sentiu 100% sozinho ou sozinha? Todo mundo já se sentiu assim pelo menos uma vez na vida, seja lá pelo motivo que for. E é ruim, não é? Dói. (...) Quando alguém aponta o dedo para dizer que você não pode ser quem você é porque incomoda, porque é diferente, porque sei lá o que...você tem um misto de sentimentos: Quer gritar e quer se calar. Quer lutar e quer desistir. Quer tentar mudar e quer, ao mesmo tempo, ser leal a si próprio. Mas dá medo, não dá? E você já sentiu medo de ser quem você verdadeiramente é? (episódio 13- LGBTfobia).<sup>5</sup>

Lima (2008) destaca que dois dos traços do Jornalismo Literário são contar uma história e fazer isso com estilo próprio e voz autoral. As duas características estão presentes no *Vozes*. Como afirmaram Sims e Kramer (1995), a narrativa do jornalismo literário emprega estruturas complexas, fugindo completamente da noção do jornalismo *hard news*, que elencaria os aspectos mais relevantes dos fatos. Em vez disso, as cenas são apresentadas como se fossem um romance.

Uma arma fez a diferença na vida de Luiza Paula, de 14 anos. Era manhã do dia 7 de abril de 2011. A mãe de Luiza, Adriana, ia levar a filha e aproveitar para resolver burocracias na escola. Mas, naquele dia, ela teve um imprevisto e a adolescente precisou ir sozinha. Adriana foi logo em seguida. No meio do caminho, encontrou um conhecido. Foi ele quem contou para ela que a Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na Zona Oeste do Rio, havia sido invadida por um ex-aluno armado (episódio 1- andar armado ou não?).

Cecília aceitou o pedido de casamento de Julio. E eles se casaram. Seguiram para a lua de mel. Passaram alguns dias felizes na Disney. Depois, arrumaram as malas rumo a Cancún. Apesar de já estarem juntos há seis anos...a história que trouxe Cecília e Julio ao *Vozes* começou em um bar de Cancún. Eles estavam em um grupo de excursão e Julio acreditou que um dos homens estava dando em cima de Cecília. Ele, então, resolveu ir embora com ela." (...): Eu sei que você se perguntou aí o que aconteceu no restante da lua de mel. Eu também tive essa curiosidade. (...) Foram mais de 30 anos em silêncio. Ao longo dos anos, Cecília teve duas filhas. O relacionamento já tinha esfriado por completo. Ela se mantinha distante de todos os que poderiam despertar algum problema na relação com o marido. (...) Ninguém nunca imaginou que algo estivesse acontecendo entre o casal. Cecilia me contou que as agressões físicas cessaram em

5. Este episódio foi contemplado com o Prêmio Vladimir Herzog em 2019.

2006, com a criação da Lei Maria da Penha, que coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Mas as psicológicas continuaram. Até que, um dia, Cecília pediu o divórcio. E o marido, recuou. (...) Cecília sabia que a decisão de partir iria alterar muita coisa na vida dela. Mas, ela me disse que sabia que ali... já não existia mais amor. Nela, o que havia restado era saudade. Saudade de quem ela era. Saudade dos amigos e da vida que ela tinha planejado (...) (episódio 14- sobre ter relacionamentos tóxicos).

Os roteiros, inclusive, chegam a nominar a prática:

Eu já *começo esse episódio te contando a história* do José Carlos, um senhor de 60 anos. Meu primeiro contato com a família foi por meio da dona Luzia, mulher dele. Eram quatro e meia da manhã de um sábado quando ela percebeu que o marido estava passando mal. Assustada, chamou a filha, Janaína, para levá-lo até o pronto socorro (episódio 10- erros médicos: de quem é a culpa?) (*grifo nosso*).

Encontramos esta característica em todos os episódios. No *storytelling* tecido pelo Vozes, detalhes simbólicos da vida dos indivíduos também são introduzidos (WOLFE, 2005). No número 8, que trata de Distorção de Imagem, uma das personagens é apresentada assim:

Vestindo um moletom amarelo e de óculos, ela aguardava na biblioteca da faculdade. Foi ali mesmo que abriu o coração e falou, pela primeira vez, sobre a relação com o espelho. Na infância, a Bia nunca teve nenhum problema ou indício de uma relação ruim com a própria imagem. Tudo começou no início da adolescência. Aos 13 anos, a Bia começou a não gostar do que via refletido no espelho. Apesar de sempre ter sido magra, passou a enxergar muitos defeitos no próprio reflexo.

Gabriela Viana diz sempre preferir as entrevistas presenciais, justamente por poder observar o comportamento dos entrevistados:

Para mim, é muito mais válido estar diante da pessoa, saber quais são os movimentos que ela tem, perceber se ficou incomodada com alguma pergunta que eu fiz ou quando ela fica mais à vontade, em que momento ela para de chorar e como ela chora, em que ambiente ela está para contar aquela história. Isso tudo são elementos que enriquecem a narrativa<sup>6</sup>.

A voz autoral é uma marca do podcast. A narradora, Gabriela Viana, se posiciona, demonstra suas emoções, entra no quadro.

A dor dessas pessoas pelos danos que sofreram...por culpa ou não dos médicos mexeu bastante comigo. Ouvir da Bárbara que ela tem medo de ir ao médico hoje foi algo que me deixou arrepiada (episódio 10 - Erros médicos: de quem é a culpa?).

---

6. Em entrevista às autoras, por WhatsApp, no dia 21 de março de 2020.

Eu me emocionei com as histórias contadas nesse episódio de uma forma diferente dos demais. É que é difícil a gente ter um olhar empático quando se fala de algo que crescemos aprendendo que é errado. É difícil humanizar o que, pro senso comum, é uma falha de caráter. Não sei se você, quando resolveu dar play nesse episódio, veio com o coração aberto ou se veio pensando ‘essa menina vai vir aqui me convencer que furto não é...descaração, como contou a Alice’. Passei todo o período da pesquisa tentando pensar no que te falaria pra refletir (episódio 16 - Cleptomania: o irresistível impulso de furto).

E chega a entrevistar os próprios pais, no episódio 15, sobre adolescência.

Quando pensei em falar sobre essa fase da vida...logo comecei a relembrar a minha. Como os meus dramas eram bons e como eram horríveis ao mesmo tempo. Olhar as minhas fotos de adolescente me dá um misto de “gente, como eu era estranha e como eu saía de casa vestida desse jeito?” com “nossa, mal sabia eu quanta coisa iria acontecer fora dos meus planos”. Bate uma nostalgia, sabe? Você também sente isso quando vê as suas fotos? (...) Eu sempre me considerei uma adolescente super tranquila e responsável, na medida do possível. Dava meus pulos fora do quadrado imposto pelos meus pais? Dava. Mas quem nunca fez isso que atire a primeira pedra. Nunca dei muitas dores de cabeça com escola. Gostava de aproveitar a companhia dos meus amigos. Mas, como a gente sempre acha que foi mais fácil do que de fato foi...resolvi perguntar pra minha família como eu era quando adolescente. A distância me impediu de entrevistá-los pessoalmente. Então, eles me enviaram áudios pelo WhatsApp.

A atuação da jornalista no podcast ultrapassa o papel de narradora, repórter ou editora. Ela se torna personagem, se envolvendo com a trama, como na abertura do episódio 11, sobre pertencimento. Notamos que tal abordagem se encaixa no jornalismo confessional (COWARD, 2013). Ao lançar mão dela, a apresentadora não estaria somente falando de si, mas ajudando a estabelecer a universalização temática pretendida pelo jornalismo literário, conectando a sua própria experiência às dos personagens do episódio:

Nasci e fui criada na cidade de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Passei a vida circulando por ali e por Niterói, cidade próxima. Mas eu gostava mesmo era de cruzar a Ponte Rio-Niterói. Achava o melhor passeio quando meus pais me chamavam pra ir ao Rio. Era um mundo enorme pra mim. Me sentia importante quando pegava a barca ou cruzava a ponte de ônibus. Sonhava em viver lá. Sabia que a faculdade seria meu grande momento: ia viver no Rio – pelo menos em parte do meu dia. E assim foi. Anos mais tarde, me casei e me mudei de vez pra cidade que eu tanto amava. Foram três anos por lá. Até que...em um dia, como outro qualquer no Rio de Janeiro, eu ouvi um “recebi uma proposta para ir para São Paulo. O que você acha?”. Gelei. (...) Era longe. Era outro estado. Não tinha mar. E os amigos? E a família? E o trabalho? Corta pra um ano depois e cá estou: Em São Paulo. Na maior metrópole. Na terra da garoa. Contando pra você um pouquinho da minha história. E por que eu to te contando tudo isso? Porque eu sou carioca por escolha. Por pertencimento. E esse episódio é sobre per-



tencer. Sobre nosso lugar no mundo. Mesmo que não seja nosso lugar de origem. E por mais que você já saiba muito sobre mim...preciso me apresentar. Eu sou Gabriela Viana. E esse...é o Vozes.

No episódio 21, sobre adoção, ela também emprega a mesma estratégia:

Eu tenho 28 anos e cresci em uma família formada pelo meu pai, minha mãe e minha irmã, oito anos mais velha que eu. Morei na mesma casa de dois quartos desde o meu primeiro dia de vida. E lá também moravam meus avós paternos. E, se a conta não fecha no número de quartos pra você, é porque não fechava mesmo. Eu, meu pai e minha mãe dividíamos o mesmo quarto. Minha irmã dividia com os meus avós. E assim foi, se não me falha a memória, até eu fazer uns cinco, seis anos. Logo depois, minha tia e minha prima se mudaram pra lá também. Por causa da quantidade de moradores, a casa virou um sobrado. Minha família e eu fomos pra casa de cima, também com dois quartos. E, embora a gente também tenha tido problemas como toda família tem, sempre tivemos uma boa vida. Nunca nos faltou nada. Mas, mais que uma estrutura de concreto e familiar, nunca deixamos de ter dois pilares fundamentais e que toda família deveria ter: amor e carinho.

Neste mesmo episódio, a âncora utiliza uma metáfora objetivando a criação de sentido, uma das características do jornalismo literário apontada por Sims e Kramer (1995). Também alcança a universalização temática, ao conectar as experiências privadas dos entrevistados à estrutura social que os une, como aponta Riessman (2005) ao discorrer sobre o poder das narrativas:

Não sabia nem como concluir esse episódio. Afinal, eu sou uma árvore que teve boas condições de dar frutos. Mas essa dúvida durou até a hora que encontrei uma lenda indiana incrível em um vídeo nas redes sociais. Ela diz assim: "Sentados à beira do rio, dois pescadores seguravam as varas à espera de um peixe. De repente, gritos de crianças trincaram o silêncio. Eles se assustaram! Olharam para frente, olharam para trás. Mas não viam nada. Os berros continuaram e vinham de onde eles menos esperavam. A correnteza trazia duas crianças pedindo socorro. Os pescadores pularam na água. Com muito esforço...mal conseguiram salvá-las. Quando conseguiram...eles ouviram mais berros e notaram mais quatro crianças se afogando. Desta vez, apenas duas foram resgatadas. Já exaustos...eles ouviram uma gritaria ainda maior. Dessa vez, oito crianças vinham correnteza abaixo. Um dos pescadores, então, virou as costas pro rio e começou a correr na direção oposta. Indignado, o amigo exclamou: - Você está louco, não vai ajudar? // Sem conter o passo... ele respondeu: "Faça o que puder. Vou tentar descobrir quem está jogando as crianças no rio". Achei a lenda pertinente pra esse final porque é bem assim que o nosso país, a nossa sociedade, funciona. Poucos braços pra muitos afogados. Muitas ações de urgência...mas poucas atitudes efetivas para que as coisas mudem de verdade. E, enquanto a gente não fizer como o pescador, que correu para entender a origem de tantos afogados, vai ser impossível salvar tantas vidas que caem nos rios.

Outro aspecto que confirma que o *Vozes* se encaixa como um produto de jornalismo literário é a evidenciação do processo de produção do podcast. É bem comum que os episódios narrem não só as dificuldades com a edição, mas também como ocorreram a apuração e as entrevistas com os personagens, dando margem à manifestação de subjetividades e emocionalidades (FERNANDES; MUSSE, 2017), como pode ser percebido no trecho abaixo:

Eu sei. A história da Cecília é forte, né? Nem sei se ela percebeu como eu olhava pra ela com cara de quem entendia o que ela tinha vivido e, ao mesmo tempo, com tantas dúvidas. Em geral, aqui no *Vozes*, a gente sai em duplas para as entrevistas. Enquanto uma entrevista, a outra já vai anotando as principais falas e o tempo em que elas acontecem. Uma edição em tempo real, sabe? Mas, na da Cecília, eu tava sozinha. Levei um caderno e uma caneta. Antes de começar, deixei na página em branco e a caneta destampada...pronta pra ser usada. Quando terminei a entrevista...percebi que não tinha escrito nada. A história da Cecília realmente me prendeu (episódio 14-sobre ter relacionamentos tóxicos).

No episódio bônus, o 23º, em que a equipe responde às perguntas dos ouvintes, vários integrantes contam que choraram diversas vezes, seja nas entrevistas, na leitura do roteiro ou na edição. E revelam que os jornalistas da equipe flagraram um ou outro chorando. Gabriela Viana inicia o episódio assim:

Em um ano, muita coisa muda. Você definitivamente não é a mesma pessoa de um ano atrás. Eu definitivamente não sou. Te convidamos a muitas reflexões, te fizemos sorrir, questionar os seus hábitos, seus preconceitos, as suas concepções. Te fizemos chorar também que a gente sabe. E, mesmo que você não saiba, a gente chorou também. Ganhamos muitos ouvintes e amigos também. Tocamos em assuntos que geraram desconforto e estouramos algumas bolhas, nossas e suas.

Luiz Nascimento, um dos editores do podcast, conta que "estava chorando de soluçar" ao editar o episódio de adoção quando a apresentadora entrou em sua sala: "Chorei quase do início ao fim. O *Vozes* é sobre empatia, é se identificar, se colocar no lugar do outro", definiu. Perguntada se achava que o podcast empregava técnicas do jornalismo literário, Gabriela Viana concordou. Além disso, acrescentou que tentou "criar um estilo" para o *Vozes*:

Acho que a gente trabalha algumas técnicas do jornalismo literário. Venho lendo sobre isso. Descobri que é muito mais difícil do que imaginava porque não foi algo que eu trabalhei tanto na faculdade. Tirar essa impessoalidade do jornalismo e poder brincar com vários elementos de cenário é um desafio. Tem outro termo que as pessoas usam agora de jornalismo de profundidade e o *selfjournalism*. Isso tudo eu

juntei para criar um estilo para o Vozes. Eu sempre faço questão de me colocar e, em alguns momentos, eu ouvi que estava me expondo demais e eu achei que estava. Mas, ao mesmo tempo, o retorno acaba sendo positivo. A gente quebra essa barreira do jornalismo que está do outro lado, que é visto como sensacional, que não sofre nada, que é superpoderoso. Para mim, é muito legal poder chegar para o meu ouvinte e dizer: “Olha eu não tinha ideia que isso existia ou eu tinha um baita preconceito contra isso”. Afinal, a gente é humano<sup>7</sup>.

Há ainda um ponto que, mesmo sem estar citado pelos autores que compõem o nosso referencial teórico, nos ajuda a confirmar nossa hipótese de que o Vozes pratica o jornalismo literário. Existe uma preocupação em fazer uma conexão entre os episódios, como se fossem capítulos de um livro. Além de ser uma autorreferenciação, com o podcast se referindo a outras edições do mesmo título, esta atitude relaciona as entrevistas e os personagens como elementos de uma narrativa mais ampla, a narrativa da empatia instaurada pelo Vozes.

Rogério escreveu dizendo que os furtos tiveram início na adolescência. Justamente no momento de transição, onde a gente tenta se descobrir, lembra? *A gente te falou sobre isso no episódio anterior.* (episódio 16-Cleptomania: o irresistível impulso de furtar)

É tudo estranho, não é? O corpo muda, o cérebro muda, você passa a pensar coisas que não pensava antes. Começa a se distanciar dos pais, a brigar com o mundo e a querer entender o seu lugar nele. *Lembra o episódio 11 sobre pertencimento?* Então... a gente quer saber como pertencer. E aí voltamos ao fato de que os nossos cérebros, na adolescência, ainda não estão 100% formados. Ainda não temos experiências de vida que nos ajudam a tomar decisões. Estamos conhecendo o mundo e experimentando ele. E, nessa onda de experiências, muita gente se permite experimentar coisas que, às vezes, não são saudáveis e, em muitos casos, sequer são legais – em todos os sentidos – como o álcool e as drogas. É muita pressão. A gente quer pertencer. A todo custo, precisamos nos encaixar. Pro Luca, esse é um dos grandes desafios da adolescência (episódio 15-Adolescência: credo, que delícia!).

*O episódio 11 aqui do Vozes* falou sobre lugar de pertencimento. A gente conversou com pessoas que procuram um lugar no mundo... que não precisa ser, necessariamente, o lugar onde elas nasceram. Nesse episódio falamos sobre lugares físicos. Países, estados, cidades. Mas e quando você sente que não pertence ao próprio corpo? (episódio 13- LGTBfobia).

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a influência das marcas não verbais, como os efeitos sonoros, a trilha e a mixagem (De MAIR, 2017), na construção da narrativa ancorada no jornalismo literário no Vozes. Embora nosso foco tenha sido na cons-

---

7. Em entrevista às autoras, por WhatsApp, no dia 20 de março de 2020.

trução dos roteiros do podcast, consideramos que tais elementos também compõem a análise performática do programa. O designer de som, no 23º episódio, conta que não lê o roteiro antes. “O Vozes pede sonorização de sentimentos. Vivo cada episódio, Adoro colocar sentimento em conteúdo”, revela ele. Gabriela Viana conta que tem buscado, cada vez mais, a imersão do ouvinte por meio de recursos de áudio:

A gente vem pensando cada vez mais em deixar o ouvinte ficar imerso na história, dentro dos ambientes, por meio do áudio. O Claudinho (Claudio Antonio, *designer* de som) edita o Vozes com três fones diferentes: um fone bem ruim, um fone mais ou menos e um muito bom. Ele diz que precisa proporcionar a mesma experiência para todos os ouvintes. Se a pessoa estiver usando o fone só de um lado, por exemplo, perderia parte da experiência. A gente centralizou todas as vozes, mas a gente consegue passá-las para frente ou para trás da pessoa como se estivesse alguém detrás ou alguém de frente falando. Então tudo isso é pensado. Eu digo: “Pessoal, nessa entrevista aqui eu preciso passar a sensação que essa pessoa está de frente para mim. E se eu estou de frente, o ouvinte precisa estar de lado. Então a gente pensa tudo isso antes da edição final. Tudo isso é milimetricamente pensado. Nada sai ao acaso<sup>8</sup>.”

Fica, portanto, evidente que, assim como observado por Ortriwano (1985) sobre o rádio, no podcast, a imaginação do ouvinte é ativada tanto por meio da emoção das palavras quanto pela sonoplastia.

### Considerações finais

Por meio da análise de narrativas sob as abordagens temática, estrutural e performática, segundo Riessman (2005), foi possível comprovar a hipótese deste artigo de que o podcast Vozes, da CBN, emprega técnicas do jornalismo literário. A entrevista em profundidade com a apresentadora do programa, Gabriela Viana, ajudou a respaldar tal premissa, ao nos revelar como os roteiros são estruturados e os recursos não verbais são empregados para intensificar a identificação do ouvinte com as vozes dos personagens entrevistados, com o objetivo de gerar empatia e imersão nas histórias.

Além da imersão, verificamos a existência de todas as características do jornalismo literário no podcast, segundo Sims e Kramer (1995), Martinez (2009) e Lima (2008), a saber: a atenção às histórias rotineiras, o emprego de estruturas complexas no texto, a voz autoral, a criação de sentidos de uma história, e o simbolismo. Por meio do uso de metáforas e do convite ao ouvinte para se imaginar nos contextos em que os entrevistados estão inseridos, a compreensão seria alcançada, o que geraria a universalização

---

8. Em entrevista às autoras no dia 20 de março de 2020.

temática de assuntos que poderiam ser considerados particulares. Precisão e responsabilidade ética – duas outras qualidades do jornalismo literário – não foram explicitamente abordadas em nossa análise, mas estão presentes no programa, que muitas vezes preserva as identidades de seus entrevistados para não expô-los. A precisão também fica evidente no percurso de apuração, muitas vezes narrado nos próprios episódios, como mencionado.

Também percebemos que podcasts podem ser uma importante plataforma para a expansão do gênero, para o qual já está sendo transposto, ao exacerbarem a imersão do ouvinte pelo uso de headphones e proporcionarem uma experiência mais íntima. Estudos futuros, sob a abordagem da análise interacional de narrativas, poderão indicar se o estilo narrativo proposto por Vozes gera os efeitos pretendidos nos ouvintes.

## Referências

ABPOD. **PodPesquisa 2019**. Disponível em: <<https://abpod.com.br/podpesquisa/>>. Acesso em 20 mar 2020.

ABPOD. **PodPesquisa 2018**. Disponível em: <<http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>>. Acesso em 20 mar 2020.

ABUD, Marcelo; ISHIKAWA, César Yuji; GONZAGA, Luiz Días. **Tendências do podcast no Brasil: formatos e demandas**. Núcleo de inovação em mídia digital. São Paulo: FAAP, 2019.

AUSTER, Paul. **Achei que meu pai fosse Deus: e outras histórias da vida americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CARVALHO, Paula Marques de. Processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais...**Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

CBN. **Vozes: História e Reflexões**. CBN, 7 nov. 2018. Disponível em <<https://cbn.globoradio.globo.com/editorias/cultura/2018/11/07/VOZES-HISTORIAS-E-REFLEXOES.htm>>. Acesso em 20 mar 2020.

COWARD, Rosalind. **Speaking Personally: The Rise of Subjective and Confessional Journalism**, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

DeMAIR, Jillian. Sounds authentic: the acoustic construction of Serial's storyworld. In: MCCRA-CKEN, Ellen. **The Serial Podcast and storytelling in the digital age**. New York: Routledge, 2017.

EDISON RESEARCH. **The Infinite dial 2020**. Edison Research, 19 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.edisonresearch.com/the-infinite-dial-2020/>>. Acesso em 20 mar 2020.

FERNANDES, Laís Cerqueira; MUSSE, Crhistina Ferraz. Podcasts e a Cultura Digital: Estratégias Para Contar Histórias em uma Narrativa Convergente. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE (Intercom Sudeste), 22.; DT COMUNICAÇÃO MULTIMÍDIA, 2017, Volta Redonda. **Anais...**Volta Redonda: Intercom, 2017.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (Compós), 19.; GT ECONOMIA POLÍTICA E POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Compós, 2010.

G1. **Jornalismo da Globo lança novos podcasts**. 25 ago. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/podcast/noticia/2019/08/25/jornalismo-da-globo-lanca-novos-podcasts.ghtml>>. Acesso em 20 mar 2020.

IBOPE CONECTA. **1/3 dos internautas brasileiros não sabem o que é podcast**. Ibope Conecta, 7/6/2019. Disponível em < <http://ibopeconecta.com/1-3-dos-internautas-brasileiros-nao-sabem-o-que-e-podcast/>> . Acesso em 16 mar 2020.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e Mídias Sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2008.

LINDGREN, Mia. Personal narrative journalism and podcasting. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**. v. 14, n. 1, pp. 23-41, 2016. Disponível em <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/rj/2016/00000014/00000001/art00003>>.\_Acesso em 16 mar 2020.

LÜDERS, Marika, PRØITZ, Lin and RASMUSSEN, Terje. Emerging personal media genres. **New Media & Society**. V.12, n.6, pp. 947–63, 2010. Disponível em < <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444809352203>>. Acesso em 15 mar 2020.

MARTINEZ, Mônica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. Estudos em **Jornalismo e Mídia**. v.6, n.1, pp. 71-83, 2009. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p71/10418>>. Acesso em 16 mar 2020.

\_\_\_\_\_. O Jornalismo Literário e a Mídia Sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN. **Libero**. v. 15, n. 29, pp.111-124, 2012. Disponível em <<https://casper-libero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/10-O-Jornalismo-Liter%C3%A1rio-e-a-M%C3%ADIA-Sonora.pdf>>. Acesso em 16 mar 2020.

MARI, Angelica. **Podcast market booms in Brazil**. ZDNet. 4 nov. 2019. Disponível em: < <https://www.zdnet.com/article/podcast-market-booms-in-brazil/>>. Acesso em 20 de março de 2020.

MCCRACKEN, Ellen. Introduction: The unending story. In MCCRACKEN, Ellen. **The Serial Podcast and storytelling in the digital age**. New York: Routledge, 2017.

MCHUGH, Siobhán. How podcasting is changing the audio storytelling genre. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**. v. 14, n.1, pp.65-82, 2016. Disponível em <<https://www.ingentaconnect.com/content/intellect/rj/2016/00000014/00000001/art00005>>. Acesso em 16 mar 2020.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

RIESSMAN, Catherine Kohler. Narrative Analysis. In: N. Kelly, C. Horrocks, K. Milnes, B. Roberts, D.

Robinson (Ed.), **Narrative, Memory & Everyday Life**. Huddersfield: University of Huddersfield, pp. 1-7, 2005.

RIBEIRO, Felipe. Spotify faz ranking dos mais ouvidos do ano e da década; veja lista. **Canal Tech**, 3/12/2019. Disponível em < <https://canaltech.com.br/apps/spotify-faz-ranking-dos-mais-ouvidos-do-ano-e-da-decada-veja-lista-156923/>>. Acesso em 20 mar 2020.

SCHUDSON. Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SIMS, Norman; KRAMER, Mark. **Literary Journalism**. New York: Ballantine Books, 1995.

SIMS, Norman. **True Stories: A Century of Literary Journalism**. Evanston: Northwestern University Press, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.